

O HUNSRÜCKISCH ENTRE O HOCHDEUTSCH E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CASO DO RÁDIO NA COMUNIDADE TEUTO-GAÚCHA NORTE MATO-GROSSENSE

Fernando Hélio Tavares de Barros ¹
Neusa Inês Philippsen ²

RESUMO

Este artigo traz como principal propósito mostrar o contexto de bilinguismo que se apresenta no cenário de fala norte mato-grossense, região situada na Amazônia meridional. Para situar este contexto, utiliza-se, como enfoque norteador, um programa de rádio transmitido em língua portuguesa, mas com alternância entre o alemão padrão (Hochdeutsch) e a variedade de língua minoritária de origem sulista, o *Hunsrückisch* rio-grandense (ou hunsriqueano). Para a compreensão do *status* linguístico atribuído a estas distintas variedades, tecemos considerações analíticas sobre o *corpus* apreendido junto a quatro sujeitos entrevistados, um radialista e três ouvintes. Dentre os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentaram este trabalho de pesquisa, destacam-se teóricos que dialogam com esta temática, tais como Altenhofen, Ferguson, Calvet, Horst, Bellmann, Fristcher, Seyferth, entre outros. A partir dos resultados analíticos apreendidos nas considerações feitas, esperamos contribuir com uma amostra do estado atual da língua neste espaço geográfico de recente colonização.

Palavras-chave: norte mato-grossense, bilinguismo, programa de rádio, *hunsrückisch*.

Introdução

O multilinguismo de áreas de recente colonização, como o caso da Amazônia brasileira, é um tema ainda pouco estudado na linguística nacional, sendo as variedades do português as detentoras de maior foco de atenção. A área em estudo, situada na Amazônia meridional, pode ser considerada entre as mais plurilíngues do Brasil (ALTENHOFEN, 2007). Neste artigo, abordaremos uma situação de bilinguismo, de contexto norte mato-grossense, envolvendo a relação de um programa de rádio transmitido em língua portuguesa, mas com alternância entre o alemão padrão

¹ Mestrando em Linguística Aplicada (PPGLet-UFRGS), sob orientação do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen (UFRGS). Graduado em Letras Português-Inglês (UNEMAT - Campus Sinop). E-mail: fernando.helio@ufrgs.br

² Doutora em Letras pela USP. Professora de Língua Portuguesa e Linguística da UNEMAT (Curso de Letras) – Campus Universitário de Sinop. E-mail: neusa@unemat-net.br

(Hochdeutsch) e a variedade de língua minoritária de origem sulista, o *Hunsrückisch* rio-grandense (ou hunsriqueano).

O objetivo deste estudo é analisar as posições de *status* de três variedades linguísticas, o *Hochdeustch*, o *Hunsrückisch* e o português brasileiro, no veículo rádio em contexto de recente fronteira agrícola.

Na primeira seção apresentamos um breve contexto das línguas minoritárias brasileiras de imigração e enaltecemos a coexistência dessas línguas com o português brasileiro. Na segunda seção falamos ligeiramente sobre as variedades em contato existentes no Estado de Mato Grosso, espaço geográfico considerado multilíngue, com ênfase à variedade de base germânica, o *Hunsrückisch*. Na terceira seção trazemos apontamentos que pretendem identificar o *status* linguístico atribuído a duas distintas variedades da língua alemã, o *Hochdeutsch* (alemão padrão) e o *Hunsrückisch* rio-grandense no contexto teuto-brasileiro. Na quarta seção indicamos as considerações metodológicas que importaram para a constituição da pesquisa e, finalmente, na quinta seção tecemos considerações analíticas sobre o *corpus* apreendido junto a quatro sujeitos entrevistados.

1. As línguas minoritárias brasileiras de imigração: coexistência com o português brasileiro

Seguindo a terminologia mais usual no campo de discussão da linguística de contato, línguas minoritárias são todas aquelas que estão à margem de uma língua dominante. Para analisar os *status* de tais línguas, existem termos como: *língua periférica* (DE SWAAN, 2001), *língua marginal* (ALTENHOFEN, 1996), *línguas ameaçadas* (UNESCO, 2003), *língua da comunidade* (*community language*), além de outras designações, principalmente no que tange o nível *in vivo* (CALVET, 2007), como *dialeto*, *falar* ou *patoá*.³

Apesar da permanência do mito do ‘Brasil monolíngue’ (BAGNO, 2008) nos diversos espaços sociais de discussão, existem no Brasil línguas minoritárias em contato

³ Parágrafo feito a partir das reflexões de Altenhofen (2013, p. 02).

com o português, sendo elas, autóctones: indígenas; e alóctones: afro-brasileiras⁴ e de imigração.

Para Altenhofen (2007, p. 28), é possível reconhecer nas línguas de imigração as seguintes características comuns:

- a) Línguas de grupo (faladas em comunidades de fala);
- b) Línguas com variedades de fala heterogêneas (dialetos diferentes);
- c) Línguas em movimento - (i)migração;
- d) Línguas marginais (à margem da língua oficial);
- e) Línguas de minorias (em contraste com a língua minoritária).

Segundo levantamentos recentes do IPOL⁵, contabilizam-se aproximadamente 219 línguas indígenas e 51 línguas de imigração (SEIFFERT, 2009 *apud* ALTENHOFEN & MORELLO, 2013, p. 19), sendo que, de acordo com Altenhofen & Morello (2013, p. 20), nove diferentes línguas, cinco indígenas e quatro de imigração, em seis distintos Estados do país, representam o atual quadro⁶ de línguas brasileiras cooficializadas a nível municipal.

2. Variedades em contato no Estado de Mato Grosso

Até então, o Atlas Linguístico de Mato Grosso (ALIMAT) se ocupa apenas das variedades do português, sendo que a rede de pontos⁷ se estruturou visando regiões com mais de 60 anos de existência (LIMA, TOMANIN, & CARDOSO, 2010). Essa exigência excluiu grande parte da região norte mato-grossense, com pontos em que há

⁴ Para Altenhofen (2013, p. 11), o que se tem das línguas afro-brasileiras são “pedaços, resquícios e reminiscências das línguas africanas, na língua portuguesa, em cantos e versos, em rituais religiosos e em remanescentes de línguas quilombolas”.

⁵ Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística.

⁶ Os Estados brasileiros que possuem municípios com línguas cooficializadas são: Amazonas (nheengatu, tukano e baniwa), Mato Grosso do Sul (guarani), Tocantins (akwê xerente), Espírito Santo (pomerana), Rio Grande do Sul (talian e pomerana) e Santa Catarina (alemão e Hunsrückisch). (ALTENHOFEN & MORELLO, 2013, p. 20).

⁷ Foram 16 os pontos de inquérito escolhidos para a aplicação dos questionários: Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Paranatinga, Rosário Oeste, Barra do Bugres, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Poconé, Rondonópolis, Itiquira, Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Barra do Garças, Tesouro e Alto Garças.

grande concentração de migrantes sulistas⁸, considerando-se que entre eles estão relevante quantidade de sujeitos bilíngues.

Já a pesquisa de doutorado de Philippsen (2013), intitulada *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*, dedicou-se a uma área de colonização recente⁹, mais especificamente feita em quatro cidades do norte de Mato Grosso (Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem), que, em meados dos anos 1970, sofreram um processo migratório que trouxe essencialmente migrantes sulistas para este espaço geográfico. Contudo, se a relevância deste trabalho, por um lado, importa para desmistificar o fato da pouca expressividade linguística desta região para ser catalogada juntamente a outras variedades do contexto nacional, por outro lado, ainda que apresente relações entre a miscigenação de etnias que tenham constituído o falar local, pouco contribui para a descrição das línguas minoritárias presentes no norte mato-grossense, trabalho este todo ainda por fazer.

Assim, com base na tipologia de contatos linguísticos estruturadas por Altenhofen (2007, *apud* ALTENHOFEN, 2008, p. 137) no contexto sulino, pode-se pensar o espaço linguístico de Mato Grosso como uma gama que vai além das variedades dialetais do português, considerando-se tanto as variedades minoritárias (alóctones e autóctones) como as línguas de fronteira. Apresentamos, abaixo, os dados elencados para a tipologia das variedades linguísticas presentes no espaço mato-grossense:

- Línguas indígenas (autóctones)
- Línguas de fronteira
 - Espanhol*
 - Guarani*
 - Aymara [...]*.
- Variedades regionais do português (cuiabano, entre outras).
- Variedades do português migrante (norte-paranaense, gaúcha, paulista, nordestina etc.)
- Línguas de imigração (alóctones)
 - Grupo alemão:
 - Hunsriqueano (Hunsrückisch)*

⁸ Como se pode observar no mapa gerado pelos dados do IBGE 2010, em anexo, no item *migração*, que diz respeito à população mato-grossense residente nascida na região sul do Brasil (anexo 01).

⁹ Área esta que se encontra inserida nos domínios, segundo Nascentes (1953), do território incharacterístico, que pressupõe uma região quase despovoada.

Vestfaliano; [...]
Grupo italiano:
Vêneto (ou talian¹⁰) [...]
Grupo eslavo:
Russo¹¹
Ucraniano
Polonês; [...]
Grupo asiático:
Japonês; [...].

- Línguas de Sinais

No ponto *Línguas de imigração*, o qual nesse estudo nos interessa, encontra-se o *Hunsrückisch* (hunsriqueano), que se transpôs para essa área geografia após a chegada de migrantes sulistas, principalmente agricultores, nascidos em regiões de contexto bilíngue. No que se refere à região sul, a característica linguística principal são as amplas áreas geográficas marcadas pelo bilinguismo societal, principalmente em regiões (+) rurais ocupadas por imigrantes e seus descendentes, é o que nos revela o mapa dos grupos étnicos indicados pelos informantes do *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS*, conforme o anexo 02.

O *Hunsrückisch* (ou hunsriqueano), variedade de base germânica¹², é uma língua que tem a constituição de sua base dialetal que se remete à região do Hunsrück (entre o rio Mosela e Reno) no sudoeste da Alemanha. Essa variedade teuto veio com os imigrantes alemães para as velhas colônias do Rio Grande do Sul, assim como para outros Estados brasileiros, como o Espírito Santo e Santa Catarina, sendo a língua de comunicação étnica que estruturou as relações sociais entre as famílias de distintas regiões do Hunsrück, como também da Alemanha. O contato do hunsriqueano com outras variedades teuto-brasileiras¹³ e o português brasileiro proporcionou a constituição de uma *coiné* linguística (fala comum), com uma tipologia reunida em pelo menos três variantes (ALTENHOFEN, 2007, p. 76l): a) *Hunsrückisch* com traços [+moselanos], b) *Hunsrückisch* com traços [+renanos], e c) *Hunsrückisch* atenuado, com traços de proximidade ao alemão padrão.

¹⁰ Veja o caso do vêneta sul-riograndense em contexto mato-grossense em TAVARES-DE-BARROS, 2012.

¹¹ *Colônia Staroveri em Primavera do Leste – MT* (Veja SILVA & TAVARES, 2012).

¹² Para melhor compreensão ver Altenhofen (1997) e Spinassé (2008).

¹³ Entre elas estão o pomerano, o vestfaliano, o suábio, entre outras.

Esta variedade alóctone é mapeada pelo *Atlas Linguístico das Minorias Alemãs da Bacia do Prata - Hunsrücksich*¹⁴(ALMA-H). Sua rede de pontos se estende do Rio Grande do Sul a países vizinhos (Paraguai e Argentina), bem como outros Estados do território brasileiro, entre eles Paraná, Santa Catarina, e, recentemente, apesar de sua delimitação ser a Bacia do Prata, o ALMA-H avançou sua rede para a região de fronteira amazônica em dois pontos no Mato Grosso: Porto dos Gaúchos (MT01) e Sinop (MT02).

Uma característica importante para considerar no contexto de fala *Hunsrückisch* neste espaço de pesquisa, como ocorre com quase todas as línguas minoritárias em território mato-grossense, é a sua existência numa área multilíngue, o que, segundo Altenhofen (2007, p. 31), se difere da realidade dessa variedade teuta nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, pois são regiões de maior homogeneidade étnica. De fato, é facilmente observável que o *Hunsrückisch*, falado no norte de Mato Grosso, aparece inserido em uma maior gama de contatos linguísticos do que nas *colônias velhas* (colonizadas a partir de 1824) ou mesmo nas *colônias novas* (colonizadas a partir de 1890), seguindo os conceitos apresentados por Altenhofen (1997, p. 20).

3. Os *status* linguísticos do alemão padrão e do *Hunsrückisch* rio-grandense no contexto teuto-brasileiro.

Dentro de um contexto de presença simultânea de duas ou mais variedades linguísticas em uma mesma sociedade, fenômeno denominado de *diglossia* (FERGUNSON, 1959), estas desempenham diferentes funções. Um (ou mais de um) código desempenha(m) o lugar de variedade(s) alta(s) ou de prestígio, e um outro (ou mais de um) revela(m)-se com *status* de variedade(s) baixa(s) ou estigmatizada(s). Contudo, deve-se ressaltar o caráter instável dessa situação.

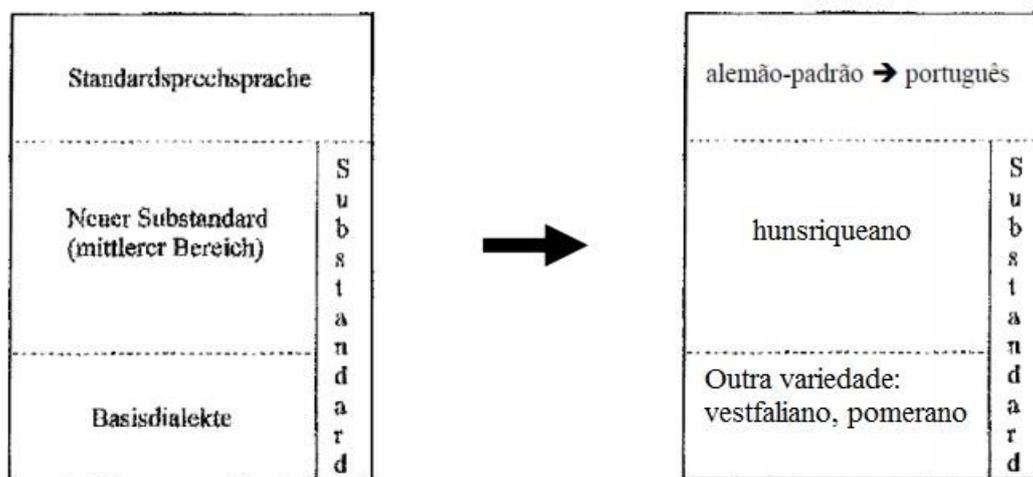
O que Ferguson (1959) titulava de ‘variedade alta’ era aquela instrumentalizada pela mídia, no âmbito político, nos contextos religiosos (sermões etc.), entre outros. Em contrapartida, a variedade baixa “se empregava nas conversações familiares, na vida

¹⁴ Macroprojeto desenvolvido de maneira conjunta pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (CAU) e Cléo V. Altenhofen (UFRGS). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/index.html>

cotidiana, na literatura popular etc.” (CALVET, 2007, p. 38). Podemos ainda ver essas posições ‘alta’ e ‘baixa’ identificadas entre os conceitos de *standard* e *substandard*.

Com base na observação de Horst (2013, p. 113), que utiliza o quadro de Bellmann (1983, apud Horst, 2013, p. 113), para descrever a situação do *vestfaliano* numa região interiorana do Rio Grande do Sul, a variedade *Hunsrückisch* se situa no continuum que vai da(s) variedade(s) *standard* à(s) variedade(s) *substandard*.

Fig .01 - Estrutura do *substandard* na visão de G. Bellmann (1983 apud Horst, 2013) e o contexto das variedades teuto no espaço geográfico mato-grossense.



Fonte: Horst (2013, p. 114).

Vemos através do esquema que o alemão padrão (Hochdeutsch), que anteriormente desempenhava um *status standard*, pois nas colônias velhas era a língua veiculada ao ensino e à religião, passa a ser substituído pelo português, que, além do lugar da administração, após o processo de nacionalização do ensino (1940) e a proibição das línguas de imigrantes, toma o lugar do alemão padrão (Hochdeutsch) no espaço escolar e religioso. E, neste contexto, a variedade *Hunsrückisch* encontra-se à margem, ou seja, revela-se inserida no *status substandard*, por ser um código sem escrita padronizada e de tradição oral.

4. A pesquisa: considerações metodológicas

A existência de programas de rádio em língua minoritária de imigração é uma situação ainda muito comum em áreas bilíngues do Brasil, com destaque à região sul. Algumas variedades possuem até associação de radialistas, como é o caso do vêneto sul-rio-grandense¹⁵. Mas, além da língua minoritária, a norma padrão referente à *língua histórica*¹⁶ que essa variedade minoritária pertence também pode aparecer como condutor desse suporte linguístico.

Os programas, em grande parte, são transmitidos aos sábados e domingos. São suportes linguísticos que oportunizam aos falantes ouvir canções, anedotas e notícias na língua de origem familiar, promovendo a interação linguística entre os falantes.

Em pontos de Mato Grosso, que apresentam relevante demografia de falantes advindos do sul do país, observa-se a existência de organizações comunitárias que desempenham um espaço para o encontro e a interação dos sujeitos bilíngues e a manutenção da memória do ponto de origem desses migrantes. Nesses contextos também é comum encontrar programas de rádio vinculados às identidades linguísticas desses falantes.

Assim, ressaltamos a importância de escolher o veículo rádio para observarmos os diferentes lugares linguísticos desempenhados pelas variedades a que nos atemos: o português, o *Hunsrückisch* e o alemão padrão. Para isso utilizamos, por meio de entrevistas estruturadas, fragmentos dos relatos de quatro falantes do *Hunsrückisch*, o radialista (falante de alemão padrão e de *Hunsrückisch*) e três ouvintes. A língua utilizada nas entrevistas foi o português. O programa referido é transmitido em uma rádio AM no município de Sinop¹⁷ – MT, aos domingos, das 8h às 10h, desde o ano de 2010.

Segue o quadro 01 com dados dos informantes entrevistados:

¹⁵ ASSODITA (Associação dos difusores do *talian*).

¹⁶ Quando se situa o conceito de *língua histórica*, como afirma Coseriu (1982, p. 11-12), se pensa que “[...] Una lengua histórica – salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una ‘familia’ histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor”.

¹⁷ Fundada em 14 de setembro de 1974, Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná), nome dado em homenagem à colonizadora privada, que projetou a cidade, dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado de Mato Grosso.

Sujeito	Característica	Idade	Natural
01	ouvinte	65 anos	Aratiba - RS
02	ouvinte	75 anos	Arroio do Tigre - RS
03	radialista	58 anos	Santo Cristo - RS
04	ouvinte	54 anos	São Carlos - SC

5. Considerações analíticas: O rádio na comunidade teuto-gaúcha norte mato-grossense - posições de *status* linguístico no imaginário dos falantes

De maneira sistemática resolvemos separar em três subitens cada variedade envolvida, analisando marcas linguísticas e as inferências feitas pelos entrevistados: o locutor do programa e os ouvintes.

5.1. O *Hochdeutsch* (alemão padrão)

Dos relatos coletados pelos falantes do *Hunsrückisch* (ouvintes e radialista), quando se perguntava sobre o papel do *Hochdeutsch*, todos se referiram ao alemão padrão como a ‘instrução correta’, o ‘certo’, o ‘gramatical’, o ‘melhor’, o alemão ‘essencial’. Como podemos constatar nestes dois excertos:

S03 (informante - radialista)

- A preferência minha é de falar no ar o **gramatical** porque a gente prima mais pela **instrução correta**, que se alguém for fazer um curso em alemão vai dizer que ele aprendeu alguma coisa, e aprendeu errado. Então eu ficaria muito sentido, então, eu tento transmitir o gramatical porque eu também aprendo com isso, eu mantenho o meu alemão atualizado. Quando uma pessoa me liga e eu percebo que ela fala o *Hunsrückisch*, eu falo com ela na mesma linguagem e também dou recado pra ela nessa linguagem, é isso que eu falo.

S01 (informante - ouvinte)

- (inquiridor) Por que a senhora acha que ele não usa o *Hunsrückisch* no programa dele?
- (S01) Mas eu acho que **fica melhor, né!**
- (inquiridor) Fica melhor?

- (S01) Ah, sim, pra traduzir, né, pra dizer o que significa, né, tem que ser o *Hochdeutsch*. [...] É, o **essencial** é o *Hochdeutsch*, né!

Nestes fragmentos podemos apreender que, no saber metalinguístico dos falantes, o alemão padrão é uma variedade de prestígio, variedade que de fato representa o poder da norma padrão, a qual, além de referenciar o atual Estado Alemão, também está vinculada à memória do ensino. Uma vez que o *Hochdeutsch* esteve presente na escola numa fase anterior à política de nacionalização do ensino, e que, após o período ditatorial, muitas escolas de regiões de contexto bilíngue societal alemão-português retornaram com a aprendizagem do *Hochdeutsch* em seus sistemas educacionais.

É interessante ainda observar que muitos falantes do *Hunsrückisch* residentes em Mato Grosso são de gerações nascidas durante, ou após, o período da interdição linguística ditatorial brasileira, e que, portanto, não tiveram tanto contato como o *Hochdeutsch*, o que sinalizaria um contexto contrário ao de seus avós ou pais, que frequentaram uma escola com ensino da variedade padrão alemã.

Segundo Fristcher (2010, p. 09-10), no início da colonização alemã a não garantia do acesso à escola aos imigrantes pelo governo brasileiro fez os colonos se mobilizarem e montarem suas próprias escolas, trazendo professores da Alemanha para lecionar. Considerando que tais professores não eram aptos para ensinar português, o ensino era—somente de alemão padrão. Com a campanha de nacionalização implementada pelo Estado Novo (1937-1935) essa situação se inverteu:

[...] a nova legislação obrigou as chamadas “escolas estrangeiras” a modificar seus currículos e dispensar os professores “desnacionalizados”; as que não conseguiram (ou não quiseram) cumprir a lei foram fechadas. A partir de 1939, a intervenção direta recrudescceu e a exigência de “abrasileiramento” através da assimilação e caldeamento tornou-se impositiva — criando entraves para toda a organização comunitária étnica de diversos grupos imigrados. Assim, progressivamente, desapareceram as publicações em língua estrangeira, principalmente a imprensa étnica, e algumas sociedades recreativas, esportivas e culturais que não aceitaram as mudanças; foi proibido o uso de línguas estrangeiras em público, inclusive nas atividades religiosas [...] (SEYFERTH, 1997, p. 96-97).

Como aponta Fristcher (2010, p. 10), esse cenário impulsionou a construção do estigma em torno da figura do colono, pois sem instrução na língua padrão alemã e

restrição ao ensino do português, utilizava apenas a variedade linguística local e um português com marcas dialetais. Portanto, “[...] tal estigma resultou na crença dos próprios falantes de que sua língua é *errada, quebrada, etc.*, e de que o alemão dos alemães (*Deutschländer*, conforme sua conceituação) é correto.” (FRITSCHER, 2010, p. 10).

Apesar do imaginário prestigiado da norma, nem sempre ela prevalece como veículo, como se pode observar neste recorte: “Quando uma pessoa me liga e eu percebo que ela fala o *Husnrückisch*, eu falo com ela na mesma linguagem e também dou recado pra ela nessa linguagem, é isso que eu falo” (S03). O relato do radialista, neste fragmento, portanto, é intermediado pela consciência valorativa que possui a variedade *substandard* na condição de língua de afeto, construtora de uma memória de comunidade linguística familiar.

5.2. O português

O português, comumente chamado de maneira *in vivo* de ‘brasileiro’, assume o *status* de legítima permissão, sob o discurso de oficialidade perante a instituição política. É o que podemos constatar nos seguintes excertos:

S03 (informante - radialista)

Quando comecei a fazer o programa, eu era amigo do Dr. XX, que era delegado da Polícia Federal. Um dia eu conversando com ele, aí pedi pra ele, né, se há algum problema? Ele falou ‘não, primeiro o seu programa tem que ser gravado, né.’ [...] Então ele falou, ‘a única coisa que você toma cuidado se você falar para alguém, ou alguma coisa que a pessoa não entenda ... Ou então que você fale alguma coisa no ar que é geral, *que é generalizado você tem que traduzir*. Traduza que você, que automaticamente as pessoas vão ter certeza se você falou mal ou bem. Então vão saber já, e não vai *provocar um problema*, não gera uma dúvida. É quando as pessoas de repente tiverem dúvidas que *você discriminou alguém, e possam mover um processo*, então, *é melhor você já traduzir no ar*, e você já está fazendo alguma coisa em sua defesa.

S02 (informante - ouvinte)

- (inquiridor) E o radialista, [...] ele fala em português também no programa?
- (S02) Sim, *tudo em português*.
- (inquiridor) A senhora acha que é bom isso, importante que fale em português?
- (S02) É, que se ele falasse só em alemão, nem muita gente ia escutar, né. Só os mais velhos, é, assim, que escuta, que gosta de rádio, né. Que se ele falasse só *alemão*, né, daí, né. *Nem sei se pode hoje em dia, né, se é livre falar só em alemão, né.*
- (inquiridor) A é?
- (S02) É. Uma vez era, né, já hoje pode ser que já é livre.
- (inquiridor) Hummm... por que que era *proibido*?
- (S02) Olha, não sei te explicar o porquê.

S04 (informante - ouvinte)

- (inquiridor) A senhora então tem o costume de escutar o programa do Sr. XX?
- (S05) Sim, sempre que a gente pode assim, que a gente tá..., sempre escuta um pouquinho ele, né.
- (inquiridor) Desde quando a senhora começou a escutar ele?
- (S05) Ih, faz muito tempo sabe, eu não cuidei que época [...] porque tem umas músicas bonitas, daí às vezes tem umas explicações que ele fala que é dali, de lá, né. Só que eu, não sei se posso falar, mas acho que ele deveria falar mais, mais em alemão. Ele deveria falar mais em alemão, porque mesmo que os brasileiros não entendesse porque as pessoas entendem o alemão, *porque ele fala bastante o 'brasileiro', né.* Então, eu acho que como é hora de alemão, *ele deveria não falar tanto brasileiro e sim falar mais alemão.* Ele sabe falar, então que ele falasse essas palavras que ele fala em brasileiro, fala em alemão, e não traduzir só em brasileiro daí também. Eu acho que em Sinop tem 30 por cento de alemão. Sim, se tu juntar tudo. [...] Porque lá no sul tem também um horário alemão, também na rádio, daí esse cara que fala em alemão, daí ele só fala em alemão, se dane os brasileiro, porque é a hora dos alemão. E daí ele toca música e fala tudo em alemão e explica tudo em alemão, o que ele quer falar ele fala. E o seu (X) não, seu (X) fala uma ou outra palavra, *daí ele diz o que significa em brasileiro.* O que vem de fora, daonde que vem essa língua, ou essa tradição, isso tudo ele fala, tudo em brasileiro, né. Então eu acho que ele poderia dá essa explicação em alemão também, né. Que a pessoa entende então, né.

Nestes excertos, portanto, evidenciam-se, fundamentalmente, resquícios do silenciamento da língua alemã pelo uso do português, bem como à memória do ‘perigo alemão’, mais especificamente quando (S02) enaltece que “Nem sei se pode hoje em dia, né, se é livre falar só em alemão, né”. Este fragmento, bem como outras marcas

linguísticas destacadas acima em negrito, deixam entrever, também, o *status* de não oficialidade da língua alemã no Brasil.

Mailer (2003), ao discorrer sobre silenciamento, identidade e nacionalidade em sua dissertação de mestrado, assim se posiciona:

Duas concepções de nacionalismo – alemão e brasileiro – entrariam em choque com a eclosão das duas guerras mundiais. Há algum tempo já se observava o atrito entre a comunidade de imigrantes e os luso-brasileiros. A principal razão era o fato dos imigrantes formarem um grupo unido por língua e realizações culturais, o que acabava por segregar os luso-brasileiros. Foi a partir disso que se iniciaram as campanhas de nacionalização visando à assimilação do imigrante e seus descendentes. [...] A língua, como também no nacionalismo da Alemanha, era o instrumento mais importante para a unificação da comunidade e expressão de suas manifestações culturais e como um dos valores de etnicidade tinha que ser preservado. Com a imposição do lusitanismo, toda diversidade étnica, lingüística e cultural que convivia no país foi desconsiderada e, algumas delas, vistas como ameaça ao Estado brasileiro. Suas práticas foram classificadas como alienígenas e alheias ao interesse nacional, segundo concepções do nacionalismo brasileiro. (MAILER, 2003, p. 27).

Dentre essas diversidades étnicas, como se pode comprovar, encontrava-se a alemã, que teve essencialmente, por meio da proibição de utilização de sua língua em território brasileiro, seus valores culturais e identitários negados. As consequências dessa proibição, como vimos, permanecem ainda vivas entre os descendentes de alemães que vivenciaram àquele contexto.

Vale destacar, ainda, que no relato de (S03) é possível verificar a presença da imposição da língua portuguesa pelo poder político-administrativo na relação desta com as demais línguas envolvidas neste contexto. Como visto acima, o fato extralingüístico da repreensão lingüística do período ditatorial marcou socialmente os falantes de minorias lingüísticas.

5.3. O *Hunsrückisch* (hunsriqueano)

Como anteriormente visto, o saber lingüístico dos falantes imagina o alemão padrão como detentor de prestígio e *status* de variedade alta. Em oposição, o *Hunsrückisch* é vinculado na metalingüística dos falantes de modo depreciativo, rodeado de designações como “*verlorene Sproch* (língua perdida), *vebrochne Deutsch*

(alemão quebrado), *Hecke-deutsch* (alemão do mato), alemão errado e sem gramática, língua de colono” (ALTENHOFEN, 2004, p. 91).

Nas regiões bilíngues alemão-português da região sul, o estigma que possui o *Hunsrückisch* constitui-se como uma das preocupações para a instituição de ensino, uma vez que representam atitudes discriminatórias com alunos bilíngues. Conforme Altenhofen (2004, p. 91), muitas vezes a língua minoritária é apontada como a culpada pelo fracasso escolar.

Em nossas entrevistas, por outro lado, os ouvintes do programa demonstraram posições positivas a respeito da presença do *Hunsrückisch* no rádio, como se pode ver abaixo:

S03 (informante - radialista)

- Quando uma pessoa me liga e eu percebo que ela fala o *Hunsrückisch* eu falo com ela na mesma linguagem e também dou recado pra ela nessa linguagem, é isso que eu falo.
- (inquiridor) Humm...
- (S04) Mas a gente nota, assim, *que as pessoas preferem que eu fale desse jeito*, mas eu também *não posso falar*, fazer exatamente o que as pessoas preferem porque eu tenho que tentar, é, é ser justo com as pessoas, porque às vezes só agradar, talvez você não está sendo justo. Então, todo mundo entende o gramatical, quando você fala de maneira clara o *Hunsrückisch* é *mais difícil*, é, têm pessoas que não entende ele, pessoas, têm comunidades de Santa Catarina que fala o *alemão gramatical*, o pomerano [...] Então, se você falar o *gramatical* você é *entendido* por todo mundo.

S02 (informante - ouvinte)

- (inquiridor) Mas existem... as canções que tocam no rádio, no programa, as que são em *Hunsrückisch*, [...] ou aquelas que são em *Hochdeutsch*. Quais a senhora mais prefere quando tocam?
- (S02) Ah, seria mais as nossas, que *a gente entende melhor*, né.
- (inquiridor) Ah, em *Hunsrückisch* a senhora entende melhor?
- (S02) Ah, mas têm umas qualquer, só mesmo os 3 xirus, *muito pouco*, né, que.. Ah, *muito pouco* que toca em *Hunsrückisch*, né. É, *a maioria é Hochdeutsch*.
- (inquiridor) Pela sua vontade... qual língua que você acredita que seria melhor, ou mais agradável de escutar no programa, o português, o *Hunsrückisch* ou o *Hochdeutsch*?
- (S02) Ah, seria então *a língua da gente*, né, seria mais..., né!
- (inquiridor) A língua da gente a senhora fala?

- (S02) É o *Hunsruckisch*!
- (inquiridor) Por que a senhora acha?
- (S02) Mas não tem..., o *Hochdeutsch* a gente também entende, né... não teria tanta preferência, né... digamos.
- (inquiridor) Mas a língua da família...
- (S02) É, parece que a gente se acha mais em casa, né (risos).

Observa-se, nestes dois fragmentos, uma contraposição entre a necessidade do uso da variedade de prestígio, o *Hochdeutsch*, em detrimento da utilização do *Hunsruckisch*, pois esta última, estigmatizada, estaria à deriva em relação à variedade de referência, é o que se pode verificar, por exemplo, no fragmento emitido pelo radialista (S04) “Então, se você falar o gramatical você é entendido por todo mundo”. Por outro lado, a informante (S02) acredita que a presença do *Hunsrückisch* no programa a faz ‘achar-se mais em casa’, mostrando o caráter afetivo da língua de origem. Este caráter afetivo também é enaltecido por Mailer (2003, p. 28), quando diz que “O conceito de cultura para os alemães nacionalistas ainda vigora nos descendentes de imigrantes, acima de tudo o orgulho de suas realizações e de sua origem”.

Como resultado analítico, ressalta-se, contudo, que o prestígio do *Hochdeutsch* e a necessidade de padronização na comunicação trazem como consequência, no discurso dos falantes, a justificativa para a sobreposição do alemão padrão ao hunsriqueano.

No recorte a seguir encontramos, no saber linguístico dos falantes, considerações sobre a perda de vitalidade da língua minoritária:

S01 (informante - ouvinte)

- (inquiridor) E no que tange às crianças e os jovens, por exemplo, na tua família. Eles gostam de escutar o programa alemão no rádio?
- (S01) Olha, esses nem muito, talvez até tem. [...] Eu acho que muito pouco.
- (inquiridor) Por que a senhora acha?
- (S01) Ah, porque é *uma geração já mais... um pouco mais jovem, né*, então já, pode ter um ou outro que escuta, mas *já não tanto que nem a gente, né*.
- (inquiridor) A senhora acha que essa falta de interesse pelo rádio, dos jovens não quererem tanto escutar o programa alemão, se deve ao quê?

- (S01) Eu acho que, acho que tem jovem, eu, na minha opinião, acho que eles acham que o alemão¹⁸ é mais de pessoas mais idosas, né, pra não dizer ‘veia’, né. Eles acham que isso é coisa do passado.

Como se pode observar neste recorte, o *Hunsrückisch* no contexto norte mato-grossense é falado pela geração mais velha, o que significa que, substancialmente, estes falantes pertencem a uma geração migrante nascida num contexto bilíngue na região sul. Com o deslocamento geográfico (topodinâmica) de tais falantes, passaram a vivenciar um contexto em que a língua minoritária não desempenha fortemente as mesmas funções sociais que outrora, uma vez que as colônias alemãs da região sul possuem características que proporcionam menor substituição à língua majoritária, por serem mais isoladas e possuírem maior homogeneidade étnica. Ao afirmar que o “[...] alemão é mais de pessoas mais idosas”, pois os jovens, gerações descendentes nascidas no novo contexto, veem a língua de origem como “coisa do passado”, (S01) levanta a hipótese de que a língua minoritária não é entendida e nem falada pela maioria desta geração.

Este fato faz com que o português seja a língua que, gradativamente, substitui o código veiculado na programação voltada à minoria, como também se torna intermediário dos contextos linguísticos familiares.

6. Considerações finais

Os resultados alcançados por esta pesquisa se mostram importantes para contribuir com uma amostra do estado atual da língua falada neste espaço geográfico, integrante da Amazônia brasileira, de recente colonização. Fundamentalmente porque esta temática ainda é pouco abordada na linguística nacional.

O objetivo principal deste estudo foi analisar as posições de *status* de três variedades linguísticas, o *Hochdeustch*, o *Hunsrückisch* e o português brasileiro, em um

¹⁸ Cabe salientar, portanto, que o *Hunsrückisch*, por ser vinculado ao grupo linguístico proto-germânico, pertence à língua histórica alemã, e que, dessa forma, pode ser apenas nomeado de ‘alemão’ (*Deutsch*, *Deutsch* etc.) na designação dada pelos falantes. As semelhanças linguísticas que o *Hunsrückisch* possui com a norma padrão (*Hochdeutsch*), em comparação a outras variedades teuto, pode ser um dos fatores que contribui em não haver tanta distinção no imaginário de alguns sujeitos entre o *Hunsrückisch* e o alemão padrão. Fato este que pode fazer falantes de variedades minoritárias teuto-brasileiras mais distantes da norma alemã, como o vestfaliano ou o pomerano, pensar que a variedade *Hunsrückisch* é o *Hochdeutsch*.

programa de rádio veiculado na cidade polo do norte mato-grossense, Sinop. Vale lembrar que o *Hunsrückisch* (hunsriqueano), variedade com grande número de falantes na região, transpôs-se para essa área geográfica após a chegada de migrantes sulistas, principalmente agricultores, nascidos em regiões de contexto bilíngue.

O veículo rádio mostrou-se imprescindível para observarmos os diferentes lugares linguísticos desempenhados pelas variedades a que nos ativemos. Esses ‘lugares’ foram apontados nas considerações analíticas tecidas sobre o *corpus* apreendido junto a quatro sujeitos entrevistados falantes do *Hunsrücksich*, o radialista (falante de alemão padrão e de *Hunsrückisch*) e três ouvintes.

Apresentamos, no quadro 02, abaixo, de forma sucinta, os principais resultados evidenciados na materialidade linguística integrante do *corpus*:

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Hunsrückisch</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • “língua de idosos, pra não falar ‘velho’ [ouvinte] [S01] • “a língua da gente” [ouvinte] [S02] • “nossa língua” [ouvinte] [S02] • “a gente se acha mais em casa” [ouvinte] [S02] • “a gente entende melhor” [ouvinte] [S02] • “o proibido” [ouvinte] [S02]
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Hochdeutsch</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • “fica melhor” [ouvinte] [S01] • “a instrução correta” [radialista] [S03] • “onde você é entendido” [radialista][S03]
<ul style="list-style-type: none"> • Português 	<ul style="list-style-type: none"> • “O permitido’ <i>versus</i> ‘o proibido” [ouvinte] [S02] • “Ele deveria não falar tanto brasileiro” [ouvinte] [S04]

Estes resultados, portanto, que têm o propósito de representar uma significativa parcela do contexto de bilinguismo que se apresenta no cenário de fala norte mato-grossense, comprovam que a língua portuguesa, neste espaço geográfico, não se apresenta homogênea, mas sim entre o alemão padrão (*Hochdeutsch*) e a variedade de língua minoritária de origem sulista, o *Hunsrückisch* sul-rio-grandense (ou hunsriqueano), bem como entre outras línguas minoritárias, a exemplo do vênето sul-rio-grandense (ou *talian*), que contribuem para a constituição do falar regional, ainda em construção.

Referências

ALERS - *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Disponível em: <http://notes.ufsc.br/aplic/atlas.nsf>. Acessado em: 20 de out. de 2013, às 16h e 02min.

ALTENHOFEN, C. V. *Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutsch brasilianischen Dialekt varietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996. (mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21).

_____. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsruckisch no Rio Grande do Sul. *Cadernos do Instituto de Letras UFRGS*, 1997.

_____. *Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil*. Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI), Frankfurt am Main., 03, 83-93, 2004.

_____. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In: *I Fórum Internacional da Diversidade Lingüística*. Porto Alegre - RS: UFRGS, 2007.

_____. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: *ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Orgs.). Español y portugués: fronteras e contatos. Pelotas: UCPEL, 2008*. (p. 129-164). Pelotas - RS: UCPEL, 2008.

_____. Base para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine - SILVA, Kleber Aparecido da - TILIO, Rogerio - ROCHA, Hilsdorf Claudia (Orgs.). *Política e Políticas Linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ALTENHOFEN, C. V., & MORELLO, R. Rumo e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: *FARENZENA, Nalú (Org.) Encontro Internacional de políticas linguísticas*. Porto Alegre - RS: UFRGS, 2013.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 50ª ed., 2008.

CALVET, L.-J. *As políticas linguísticas*. Prefácio de Gilvan Müller de Oliveira. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007. p. 168.

COSERIU, Eugênio. Sentido y tareas de la Dialectología. *México: UNAM - Instituto de Investigaciones Filológicas - Centro de Lingüística Hispánica, Cuadernos*, 1982.

DE SWAAN, Abram. *Words of the world. The global language system*. Cambridge: Polity Press, 2001.

FERGUSON, Charles A. Diglossia. Word, 15, april, *Journal of linguistic*, 1959.

FRITSCHER, Monique. *ENTRE A LÍNGUA DA COMUNIDADE E A VARIEDADE-PADRÃO DA ESCOLA: Oralidade e escrita na aprendizagem de Hochdeutsch por falantes de Hunsrückisch*. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

HORST, A. Sobre o projeto Educação continuada da cultura vestfaliana para professores do município de Westfália. In: FARENZENA, Nalú (Org.). *Encontro Internacional de políticas linguísticas*. Porto Alegre - RS, 2013.

LIMA, J. L.; TOMANIN, C. R., & CARDOSO, V. F. *Procedimentos metodológicos do ALiMAT: o documentador, o informante e a entrevista*. Revista Ecos, 009, 209-220, 2010.

MAILER, Valéria C. de O. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP), 2013.

SEYFERTH, G. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Mana: estudos de antropologia social, Rio de Janeiro, 03(01), 95-131, 1997.

SILVA, M. P. da, & TAVARES, e D. C. O STAROVERI. *A influência da tecnologia midiática na prática cultural*. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS edição especial, 01, 24-33, 2012.

SPINASSÉ, K. P. *O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha*. Espaço Plural, 19, 2008.

TAVARES-DE-BARROS, F. H. *Talian do Sul para Amazônia: a comunidade ítalo-gaúcha-norte-mato-grossense e seus processos de identificação com a língua de origem; o vêneto sul-rio-grandense*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, 2012.

UNESCO ad Hoc Expert group on Endangered Languages. *Language vitality and endangerment*. Paris: document submitted to the International Expert meeting on UNESCO Program me Safeguarding of Endangered Languages, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>. Acessado em: 17 de out. de 2013, às 18h e 06min.

THE HUNSRÜCKISCH BETWEEN THE HOCHDEUTSCH AND THE BRAZILIAN PORTUGUESE: THE CASE OF THE RADIO IN A GERMAN-GAUCHO COMMUNITY FROM NORTHERN OF MATO GROSSO

ABSTRACT

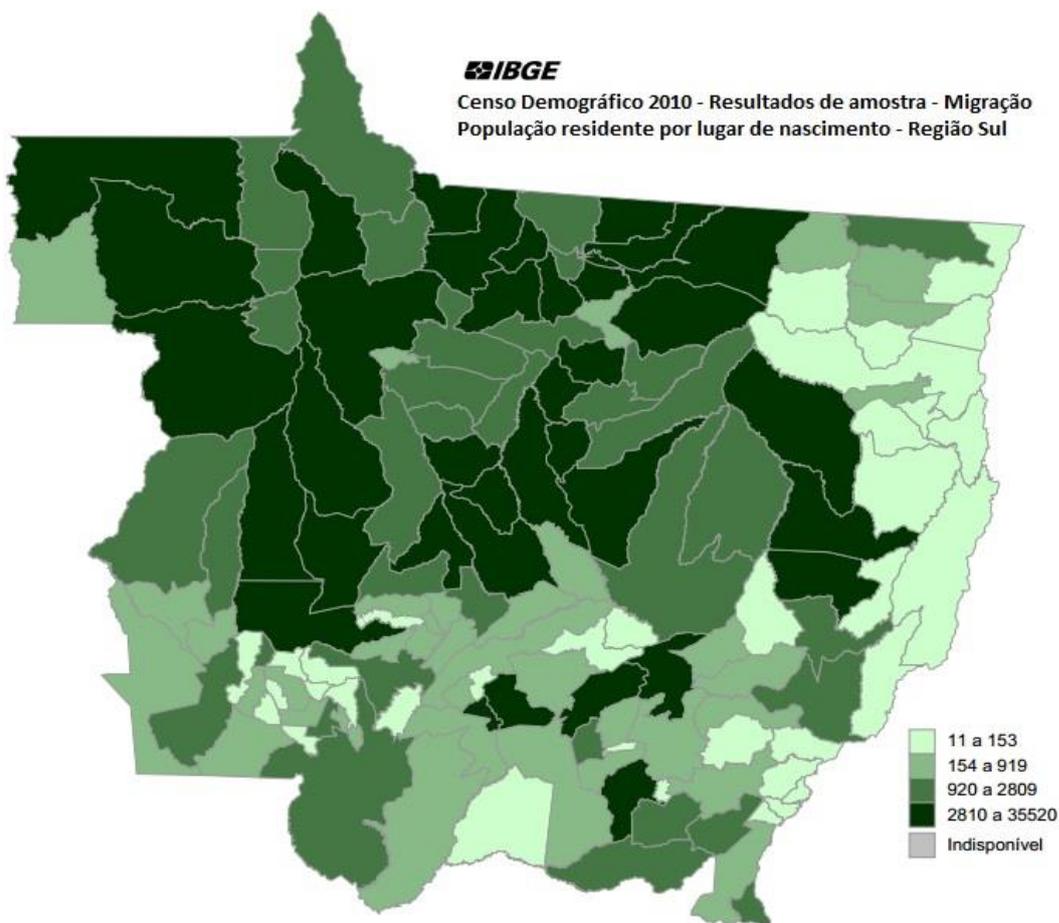
This article has as main purpose to show the context of bilingualism that shows the speaks scenario northern of Mato Grosso, a region located in the southern Amazon. To situate this context, it is used as a guiding focus, a radio program broadcast in Portuguese, but with alternation between standard German (Hochdeutsch) and the variety of minority language of origin southern *Hunsrückisch Riograndenser* (or hunsriqueano). To understand the *status* attributed to these different linguistic varieties, we weave analytical considerations on the corpus seized together with four interviewees, one who speaks from the radio and three radio listeners. Among the theoretical and methodological assumptions that underlie this research, we highlight theoretical dialogue with this theme, such as Altenhofen, Ferguson, Calvet, Horst, Bellmann, Fristcher, Seyferth, among others. From the analytical results in seized considerations, we hope to contribute with a sample of the current state of the language in this geographic area of recent colonization.

Keywords: northern of mato grosso, bilingualism, radio program, hunsrückisch.

Recebido em 19/11/2013.

Aprovado em 21/11/2013.

Anexo 01 – Mato Grosso - População residente declarada nascida na região sul do Brasil



Fonte: IBGE 2010

Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?codmun=510260&coduf=51&codv=v05&idtema=97>. Acessado em: 22 de out. de 2013, às 13h e 16min.

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

